

Formatação de uma Trilha Interpretativa como Instrumento de Educação Ambiental

Formatting an Interpretive Trail as an Environmental Education Tool

Alana Lucia dos Santos Aboboreira

Discente do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0004-2617-3943>

E-mail: alsaboboreira.bbi@uesc.br

Gabrielly Silva e Silva

Discente do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-5515-2274>

E-mail: gsilva.lbi@uesc.br

Nínive dos Santos Soares

Discente do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0006-1024-2849>

E-mail: nsoares.lbi@uesc.br

Marcial Cotes

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6345-3715>

E-mail: mcotes@uesc.br

Luiz Alberto Mattos Silva

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0004-6862-6605>

E-mail: mattos@uesc.br

José Walter Gaspar

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-3710-9890>

Recebido em: 3 de fevereiro de 2025. Aprovado em: 10 de maio de 2025.

Interagir: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n. 39, e2025011, 2025

DOI: <https://doi.org/10.12957/interag.2025.89551>





E-mail: jwgaspar@uesc.br

Delmira da Costa Silva

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4587-2526>
E-mail: delmira@uesc.br

Larissa Correa do Bomfim Costa

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8619-4074>
E-mail: larissa@uesc.br

Resumo

Neste trabalho são apresentadas as etapas desenvolvidas para a criação de uma trilha interpretativa no Horto Florestal da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). O projeto teve início durante o período de isolamento social causado pela pandemia, através de reuniões virtuais de planejamento de uma estratégia de comunicação com o público pelas redes sociais. Foi criado um perfil e conteúdos educativos foram produzidos para despertar o interesse do público pela botânica e a curiosidade para conhecer o espaço. Paralelamente, foi realizado um estudo de campo, para a definição dos objetivos da trilha, do formato mais adequado, do nível de dificuldade, do tempo estimado para percorrer o trajeto, do público-alvo a ser alcançado, do método de visitação e da identificação dos pontos de interesse ao longo do percurso. Foi produzido um mapa informativo a partir do georreferenciamento das trilhas e dos pontos de atratividade definidos com base em alguns indicadores principais. A trilha que percorre o espaço possui cerca de 1.000 m de extensão, 1h e 30 min de duração, tem grau de dificuldade leve, enfoque voltado para a valorização das espécies arbóreas nativas da mata atlântica e foi criada para receber crianças, jovens e adultos com o objetivo de ampliar a percepção do ambiente, estimulando o conhecimento e o respeito pela biodiversidade.

Palavras-chave: Árvores nativas; Mata atlântica; Botânica.

Abstract

This work presents the steps developed to create an interpretative trail in the Horto Florestal of the State University of Santa Cruz (UESC). The project began during the period of social isolation caused by the pandemic, through virtual meetings to plan a communication strategy with the public via social media. A profile was created and educational content was produced to awaken the public's interest in botany and curiosity to learn about the site. At the same time, a field study was carried out to define the objectives of the trail, the most appropriate format, the difficulty level, the time estimated to cover the route, the audience to be reached, the method of visitation and identification of points of interest along the route. An informative map was produced based on the georeferencing of the trails and attractive points defined based on some main indicators. The trail that runs through the space is approximately 1,000 m long, 1 hour and 30 minutes, has a mild level of difficulty, focuses on valuing tree species native to the Atlantic forest and was created to welcome children, young people and adults with the objective of expanding the perception of the environment, stimulating knowledge and respect for biodiversity.



Keywords: Native trees; Atlantic forest; Botany.

Área de extensão: Meio Ambiente

Introdução

O bioma Mata Atlântica é formado por diferentes tipos vegetacionais como manguezal, vegetação de praia, restinga, brejo, mata ciliar, mata mesófila, mata de cipó, mata higrófila, entre outros, sendo este último um dos ambientes mais biodiversos e ao mesmo tempo, ameaçados do planeta (Martini *et al.*, 2007; Thomas *et al.*, 2003). O sul do estado da Bahia se destaca mundialmente pela extraordinária diversidade de espécies arbóreas e seu significativo grau de endemismo (Thomas *et al.*, 2003), ou seja, pela presença de espécies que não são encontradas em nenhuma outra parte do planeta.

O sistema agroflorestal (SAF) de plantio característico de cacauzeiros, cultivados sob a sombra de árvores nativas em um arranjo conhecido regionalmente como "cabruca", desempenha um papel crucial na conservação da biodiversidade nos fragmentos florestais remanescentes. Esse sistema não apenas promove a preservação de numerosas espécies arbóreas de valor econômico e ecológico, mas tem um papel importante nas ações de conservação e preservação ambiental, uma vez que promove a proteção da biodiversidade local e contribui para a manutenção dos ecossistemas naturais e do clima (Hemming *et al.*, 2022), ainda sustenta uma diversidade significativa de espécies epífitas nas copas das árvores, além de favorecer a fauna local. Esta desempenha um papel vital na polinização e dispersão geográfica de muitas plantas (Sambuichi *et al.*, 2012).

O sul da Bahia permaneceu como uma das regiões mais conservadas da Mata Atlântica até a metade do século passado, quando a abertura de rodovias favoreceu o início da atividade madeireira em larga escala, desencadeando um rápido e intenso processo de desmatamento. Além disso, mudanças na prática de cultivo dos cacauzeiros contribuíram para a redução do sombreamento. Isso ocorreu pela substituição das árvores nativas por



espécies exóticas ou pela sua completa remoção. Essas alterações, somadas à epidemia da doença conhecida como vassoura-de-bruxa (*Moniliophthora perniciosa*) e às flutuações do mercado internacional, levaram muitos produtores de cacau ao desmatamento total das áreas de cabruca, visando à implantação de pastagens e de outros cultivos agrícolas, ou simplesmente à extração e venda de madeiras nobres. Diante desse quadro, muitas espécies nativas encontram-se ameaçadas de extinção, podendo levar a perdas irreparáveis para as futuras gerações (Sambuichi; Mielke; Pereira, 2009).

Na contemporaneidade, o avanço da degradação ambiental tem sido objeto de discussão, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. Entre as diferentes formas para reverter este quadro, a educação ambiental continua sendo uma ferramenta importante, pois busca a compreensão do meio ambiente e o reconhecimento da interdependência e das relações existentes entre os seus diversos elementos, com vistas à utilização racional dos recursos naturais (Brito; Paiva, 2020; Calvo-Vargas, 2019; Garcia; Neiman; Prado, 2011; Nagasawa *et al.*, 2020; Portugal; Sorrentino, 2020). Na Bahia, o estudo de Dourado *et al.* (2024) demonstra que a educação ambiental é uma ferramenta essencial para promover a preservação ambiental e a sustentabilidade destacando a importância da conscientização e da participação ativa de agricultores e comunidades locais na adoção de práticas sustentáveis.

No contexto atual, em que a sociedade está cada vez mais conectada às mídias sociais, uma forma alternativa que vem sendo usada para despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental é o uso das redes sociais para divulgação científica, comunicando o conhecimento técnico e educativo de forma acessível e veloz, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica (Navas *et al.*, 2020). As trilhas ecológicas, por sua vez, se constituem em uma forma de desenvolver a educação ambiental de uma maneira mais prática, combinando a observação e o contato direto com a fauna, flora e topografia de uma região. A utilização de trilhas interpretativas, como um instrumento da educação ambiental, visa promover a percepção ambiental das pessoas acerca da importância da biodiversidade. Segundo Buzatto e Kuhnen (2020), essas trilhas funcionam como uma atividade prática de contato direto com a natureza, como mecanismo



de sensibilização do ser humano, onde surge um sentimento de pertencimento e um maior cuidado com o meio ambiente. A educação ambiental permite a construção de valores e atitudes que são sensíveis à diversidade, à complexidade e à solidariedade em relação aos outros seres humanos quanto à natureza (Moura Carvalho, 1998).

O objetivo deste trabalho foi criar uma trilha ecológica interpretativa como um instrumento de conscientização sobre a importância da conservação e de educação ambiental, buscando promover a sensibilização para a preservação da Mata Atlântica.

Material e Métodos

O trabalho foi conduzido no Horto Florestal, localizado dentro do Campus da UESC em Ilhéus, na Bahia. Este horto compreende uma floresta urbana com 9 hectares, constituída por um remanescente florestal da Mata Atlântica.

O Horto Florestal da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) é uma área de mata subutilizada, servindo apenas para o desenvolvimento de pesquisas pontuais e atividades práticas de algumas disciplinas. Em 2019, durante a realização da disciplina Botânica de Campo neste local, os alunos foram desafiados a propor alternativas para resolver o problema da cegueira botânica (Wandersee; Schussler, 1999), ou o que Neves, Bündchen e Lisboa (2019) qualificam como “negligência botânica na educação”. Para tanto, utilizaram a metodologia ativa de ensino *Brainstorm* para responder a seguinte pergunta: “Como despertar o interesse das pessoas pela botânica no Horto Florestal?”. Após longa discussão, chegou-se ao consenso de que a melhor ideia seria a criação de uma trilha interpretativa.

Para tal, elaborou-se um protocolo que teve início com a realização de um diagnóstico a partir de várias visitas ao local. Essas visitas foram realizadas com o intuito de obter informações preliminares para a definição dos objetivos da trilha, do formato mais adequado, do nível de dificuldade, do tempo estimado para percorrer o trajeto, do público-



alvo a ser alcançado, do método de visitação e da identificação dos pontos de interesse ao longo do percurso.

Para avaliação do potencial interpretativo da trilha, utilizou-se a metodologia proposta por Magro e Freixêdas (1998), com base no índice de atratividade dos pontos interpretativos (IAP), cuja metodologia é composta por cinco fases: 1) levantamento dos pontos potenciais para interpretação; 2) levantamento e seleção de indicadores; 3) elaboração da ficha de campo para trilha; 4) uso da ficha de campo e 5) análise dos dados.

Utilizando sistema de georreferenciamento, foram plotados os potenciais pontos para interpretação no mapa e visualização da localização e distanciamento entre eles. Além disso, foi realizada uma análise de outras oportunidades interpretativas para abranger algumas outras questões associadas a este espaço, a exemplo abordagens sobre o conceito e a funcionalidade da cabruca; projeto de enriquecimento da mata; características das espécies vegetais nativas e destaque daquelas ameaçadas. A partir da análise e identificação dessas oportunidades interpretativas foram estabelecidos conteúdos educativos para serem apresentados aos visitantes sob forma de vídeos, cards e jogos educativos.

Um conteúdo com a descrição das características dos ambientes e das espécies vegetais selecionadas como pontos de atratividade foi formatado como um roteiro, com linguagem acessível para ser empregado durante as visitas pelos condutores. Foram produzidas placas de identificação metálicas no tamanho (30x20cm), informando o nome vulgar, o nome científico, a família botânica e o código QR com informações mais detalhadas das espécies selecionadas. Além disso, foi elaborado um mapa informativo com o traçado da trilha, a partir de pontos georreferenciados, destacando os pontos de atratividade para melhor orientação dos condutores.

Para implementação das atividades presenciais, alunos do curso de ciências biológicas, bolsistas de extensão e voluntários, receberam treinamento teórico-prático para condução dos visitantes na trilha. Após o treinamento com os professores, todos passaram por uma avaliação para seleção daqueles aptos para atuação imediata no projeto.



Paralelamente ao trabalho de campo, foram ampliadas as atividades do canal de comunicação com o público, por meio das redes sociais, com atividades e conteúdos técnico-educativos que buscam promover o maior engajamento e o interesse do público pela botânica e despertar a curiosidade para conhecer o espaço.

Resultados e Discussão

O campus da UESC localizado no município de Ilhéus, na Bahia, está inserido em uma área remanescente de Mata Atlântica de maneira singular, pois foi construído na extensão de uma fazenda produtora de cacau. Dentro dessa abrangência encontra-se uma antiga área de cabruca abandonada, que se destaca pela presença de várias espécies vegetais nativas, entre as quais, algumas definidas como endêmicas, raras ou em fase de extinção, citadas na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção (Portaria MMA Nº 148, 7 de Junho de 2022). Neste domínio, em 1995 foi selecionada uma área de 9 ha para conduzir um processo de enriquecimento florestal, caracterizado pela remoção gradual de espécies exóticas presentes, como a eritrina (*Erythrina fusca* e *E. poeppigiana*), o cacauzeiro (*Theobroma cacao*) e o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), com a substituição por espécies nativas, especificamente do ecossistema Mata Higrófila, um dos mais importantes do bioma Mata Atlântica. Processo conduzido mediante o uso de sementes provenientes de árvores matrizes locais e mudas cultivadas em um viveiro próprio.

Nas discussões para a elaboração da trilha interpretativa, foi definido como tema a "Educação Ambiental para Conservação da Mata Atlântica com enfoque Botânico". Várias visitas foram realizadas nesta área enriquecida com o objetivo de identificar os potenciais pontos de atratividade. Nesse contexto, realizou-se um inventário das árvores presentes com base em alguns critérios estabelecidos para a seleção das espécies, a saber: o fato de ser endêmica da Mata Atlântica, o seu status de ameaça e o seu valor cultural e ecológico. Após este levantamento, seleção e a análise dos dados, foram identificados os principais pontos atrativos da trilha, que incluem as espécies Pau-brasil (*Paubrasilia*



conservação da Mata Atlântica; 2) sensibilizar e contribuir para o desenvolvimento da consciência ambiental; 3) proporcionar atividades de lazer e oferecer oportunidades de observação, estudo e pesquisa; 4) ampliar a percepção do ambiente, estimulando o conhecimento e o respeito pela biodiversidade; 5) contribuir com mais uma alternativa para mitigar o conceito de impercepção botânica.

Para o melhor aproveitamento do espaço disponível, decidiu-se formatar duas trilhas conectadas, uma em traçado linear e a outra circular, possibilitando realizar todo o percurso ou apenas parte dele, dependendo do perfil, tempo e do interesse de cada grupo de visitantes. A trilha foi classificada como grau leve de dificuldade (FEMERJ, 2015), uma vez que é uma trilha aberta, quase totalmente plana e com declives suaves (Figura 2). Estimou-se que o tempo necessário para realizar todo o trajeto, que abrange 1,8 km, seja em torno de 1 hora e 30 minutos, aproximadamente. Esse tempo inclui a caminhada pela trilha na mata e as paradas nos pontos interpretativos, bem como as visitas adicionais ao Viveiro de Mudanças Florestais, ao Horto de Plantas Medicinais e à Coleção de Morfotipos de Pau-brasil.

Figura 2 – Vista parcial do início da trilha interpretativa



Fonte: Os autores (2025).



Após a aprovação do projeto de extensão denominado “Trilha interpretativa da matinha da UESC” pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), foi criada a imagem visual do Horto Florestal simbolizado pelo jequitibá-rosa, uma das espécies mais importantes da trilha, bem como o perfil no instagram @hortoflorestal como o principal meio de divulgação dos trabalhos e comunicação com o público por meio das redes sociais. A inauguração do perfil aconteceu no dia 25 de setembro de 2021, a partir do qual começaram a ser publicados regularmente conteúdos educativos, incluindo *reels*, *stories* ou postagens no *feed*, apresentando o local, as espécies arbóreas, os membros do projeto, datas comemorativas ambientais e a realização de *lives* com pesquisadores e especialistas convidados (Figura 3).

Figura 3 – Perfil no Instagram, 31/01/25



Fonte: Acervo pessoal (2025).



Até o momento da escrita deste artigo, o perfil @hortoflorestal registra 184 publicações e 1.302 seguidores. Destaca-se que a fase inicial de divulgação do projeto por meio das redes sociais desempenhou um papel relevante durante o período de isolamento social, preparando o público para o retorno das atividades presenciais, as quais tiveram início no segundo semestre de 2022.

O agendamento das visitas por parte das escolas interessadas é realizado mediante preenchimento de um formulário disponibilizado no *link* contido na biografia do Instagram juntamente com as diretrizes de segurança dirigidas aos visitantes, além do termo de autorização para a utilização de imagens. Os horários de visita são determinados de acordo com a disponibilidade da equipe de condução responsável.

Atualmente, todas as visitas são conduzidas por estudantes do curso de Ciências Biológicas da UESC, devidamente capacitados para a atividade. Até o momento, 36 alunos, entre voluntários e bolsistas, receberam treinamento específico e atuaram na condução de grupos de visitantes. Antes de entrar na trilha os condutores dão orientações de como os visitantes devem se portar no deslocamento ao longo da trilha. No interior da floresta é realizado um momento de sensibilização, para melhor contemplar e ouvir os sons do ambiente. Semelhante ao que foi verificado por Milano *et al.* (2019), ao participar das ações de extensão como condutor da visitação à trilha interpretativa, os alunos têm a oportunidade de transmitir novos conhecimentos adquiridos, além de fortalecer sua formação cidadã prestando serviço à comunidade e melhorando sua comunicação.

Após o primeiro ano de atividades presenciais, foram realizadas 20 visitas de grupos de estudantes de diversos níveis de ensino, desde a Educação Infantil, o Fundamental I e II, o Ensino Médio e o Ensino Superior somando cerca de 580 visitantes, entre estudantes e professores provenientes não apenas do município de Ilhéus, mas ainda de cidades do entorno como Itabuna, Itacaré, Jussari, Buerarema, Una e Guanambi (Figura 4). Neste sentido, ao receber visitantes de diversas faixas etárias é preponderante que as informações sejam verbalizadas de forma simples e atrativa, sempre levando em consideração a idade do grupo (Blengini *et al.*, 2019).



Figura 4 – Visita realizada pela escola Jose Nery Constant, de Buerarema-BA à trilha interpretativa no Horto Florestal da UESC



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Além das visitas agendadas, a trilha interpretativa também é utilizada em eventos promovidos pela universidade, como no caso da Jornada de Biologia (JORNABIO) e do Circuito das Profissões, onde a universidade abre suas portas à comunidade externa para que possa conhecer os seus cursos, laboratórios e demais espaços (Figura 5).



Figura 5 – Participantes do JORNABIO visitando a trilha interpretativa



Fonte: Acervo pessoal (2025).

O projeto Horto Florestal da UESC ainda promove atividades especiais para mitigar a impercepção botânica entre os jovens, como o concurso escolar de fotografias do Dia da Árvore, no qual as dez melhores fotografias enviadas por escolares são selecionadas por um júri técnico e publicadas no *Instagram* - @hortoflorestaluesc - onde seguem para a etapa de votação pública. Como premiação, as escolas finalistas recebem certificados e a doação de um livro. O grande vencedor é premiado com a oportunidade de trazer a sua professora e toda a sua turma para uma visita à trilha interpretativa e realizar o plantio de uma espécie arbórea endêmica da Mata Atlântica (Figura 5).



Figura 6 – Plantio de árvores realizado pelos alunos da escola vencedora do II Concurso Escolar de Fotografias do Dia da Árvore em 2023



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Ao final de cada visita à trilha, é realizada a doação de mudas de espécies florestais nativas ao representante da escola, com o propósito de plantá-las na sua instituição (Figura 7).

Figura 7 – Doação de muda de Pau-ferro (*Libidibia ferrea*) para a diretora da escola Vila Verde de Ilhéus ao final da visitação



Fonte: Acervo pessoal (2025).



O mérito do trabalho desenvolvido no primeiro ano de atividades do projeto obteve reconhecimento pela própria instituição, destacando-se no 9º Simpósio de Ensino, Extensão, Inovação, Pesquisa e Pós-graduação e 28º Seminário de Iniciação Científica como um dos melhores trabalhos de extensão apresentados no ano de 2022.

A interatividade promovida no perfil do Instagram por meio de curtidas e compartilhamentos pode impulsionar a difusão de informações, dados, anúncios e resultados de pesquisas nas redes sociais, utilizando o aparato multimidiático disponível (Barbosa; Sousa, 2017). Portanto, a resposta obtida com essa divulgação pode ser mensurada pelo número de seguidores, comentários e visualizações do perfil @hortoflorestal. Diariamente e a cada publicação, esses números crescem, demonstrando que o trabalho de educação ambiental realizado na trilha interpretativa está atingindo um número cada vez maior de pessoas.

Estudos demonstram que a divulgação científica por meio de redes sociais desempenha um papel crucial na disseminação de informações científicas à população (Whiting; Williams, 2013). Neste cenário, as redes sociais têm se mostrado um instrumento valioso na divulgação das ações do projeto Trilha Interpretativa do Horto Florestal da UESC, atingindo um número significativo de pessoas interessadas pelo tema educação ambiental com foco nos vegetais.

As práticas de sensibilização no início da trilha são essenciais para que os visitantes tenham uma experiência agradável. Em cada ponto interpretativo, são compartilhadas curiosidades culturais e ecológicas importantes para atrair a atenção dos visitantes, destacando a valorização das árvores de ocorrência da Mata Atlântica. Essa abordagem para despertar o interesse dos visitantes é semelhante à adotada pela trilha interpretativa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no bioma cerrado (Santos; Queiroz, 2020).

Um dos pontos interpretativos que mais atrai a atenção dos visitantes é a gameleira (*Ficus gomelleira*). Esta espécie tem suas sementes dispersadas por animais, que as depositam sob o tronco de outras árvores adultas. Ao germinar, cresce como uma hemiepífita até que suas raízes alcancem o solo. Nesse ponto, suas raízes começam a



sufocar a árvore hospedeira, levando à sua morte. Exemplos como este, estimulam a interpretação ambiental e a curiosidade das crianças. Portanto, é fundamental que as trilhas sejam bem planejadas/formatadas para traduzir a linguagem da natureza de maneira compreensível aos diferentes grupos, em consonância com os argumentos de Guillaumon, Poll e Singy (1977), especialmente às crianças.

Todas as visitas recebidas na trilha do Horto Florestal da UESC representam mais que um passeio, são momentos de interação dos visitantes com as plantas do bioma Mata Atlântica, por meio da percepção de detalhes botânicos e ecológicos de cada uma das espécies interpretadas. Ademais, cada visita proporciona um reencontro com a natureza, permitindo que cada aluno se sinta parte dela e desenvolva sua sensibilidade e percepção ambiental (Marcuzzo *et al.*, 2015).

Com base nesses resultados, tal como discutido por Ikemoto, Moraes e Costa (2009), trilhas bem planejadas cumprem sua função de possibilitar a reconexão da sociedade com o ambiente natural ao mesmo tempo em que possuem um elevado potencial para a educação ambiental, e contribuem para aumentar a sensibilização e a conscientização ambiental. Visto que, alia a interdisciplinaridade e a preocupação com o meio ambiente, tornando-se uma importante ferramenta às atividades educativas.

Conclusão

Após cinco anos de atividades, a trilha interpretativa do Horto Florestal da UESC vem se consolidando como um método eficaz para a promoção da educação ambiental e a sensibilização dos visitantes quanto à percepção das plantas na natureza, seja pela divulgação de conteúdos pertinentes na sua rede social, que foi o ponto de partida, seja pela execução da condução de visitantes ao longo da trilha, acrescido ainda pela doação de mudas de plantas nativas às escolas visitantes, com destaque para valorização e proteção do bioma Mata Atlântica.



Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Alana Lucia dos Santos Aboboreira: responsável pela coleta de dados no campo e colaboração na redação do texto.

Gabrielly Silva e Silva: responsável pela coleta de dados nas redes sociais e colaboração na redação do texto.

Nínive dos Santos Soares: responsável pela coleta de dados no campo e colaboração na redação do texto.

Marcial Cotes: contribuição na elaboração do texto do artigo científico, incluindo introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusões.

Luiz Alberto Mattos Silva: contribuição na elaboração do texto do artigo científico, incluindo introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusões.

José Walter Gaspar: contribuição na elaboração do texto do artigo científico, incluindo introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusões.

Delmira da Costa Silva: contribuição na elaboração do texto e revisão crítica do conteúdo, sugestões de melhorias e correção de erros.

Larissa Corrêa do Bomfim Costa: contribuição na elaboração do texto e revisão crítica do conteúdo, sugestões de melhorias e correção de erros.

Referências

BARBOSA, C.; SOUSA, J. P. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. **Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento**, Braga, p. 279-289, 2017.

BLENGINI, I. A. D. *et al.* Trilha interpretativa como proposta de educação ambiental: Um estudo na RPPN do Caju (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 142-161, 2019.



BRITO, J.; PAIVA, G. M. C. Avaliação da aplicabilidade da Educação Ambiental crítica nas principais trilhas da Serra de Aratanha em Pacatuba (CE). **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, v. 15, n. 3, p. 18-35, 2020.

BUZATTO, L.; KUHLEN, C. F. C. Trilhas Interpretativas uma Prática para a Educação Ambiental. **Vivências**, Erechim, v. 16, p. 219-231, 2020.

CALVO-VARGAS, I. M. Importancia de los recursos interpretativos autoguiados, como promotores de la conservación de los recursos naturales. **Movilidad Estudiantil**, Cartago, n. 6, p. 35-46, 2019.

FEDERAÇÃO DE ESPORTES DE MONTANHA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Metodologia de Classificação de Trilhas**. Rio de Janeiro: FEMERJ, 2015. Disponível em: <https://feemerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-STM-2015-01-metodologia-de-classificacao-de-trilhas.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2025.

GARCIA, F. O.; NEIMAN, Z.; PRADO, B. H. S. Planejamento de uma Trilha Interpretativa na Estação Ecológica de Angatuba. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 323-344, 2011.

GUILLAUMON, J. R.; POLL, E.; SINGY, J. M. 1977. Análise das Trilhas de Interpretação. **Boletim Técnico do Instituto Florestal**, São Paulo, v. 25, 1977.

HEMMING, V. *et al.* An introduction to decision science for conservation. **Conservation Biology**, [s. l.], v. 36, n. 1, e13868, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cobi.13868>. Acesso em: 10 jan. 2025.

IKEMOTO, S. M.; MORAES, M. G. de; COSTA, V. C. Avaliação do potencial interpretativo da trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos, Rio de Janeiro. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, p. 271-287, 2009.

MAGRO, T. C.; FREIXÊDAS, V. M. Trilhas: como facilitar a seleção de pontos interpretativos. **Circular Técnica IPEF**, Piracicaba, n. 186, p. 4-10, 1998.

MARCUZZO, B. S. *et al.* Trilhas Interpretativas, uma ferramenta eficiente para a Educação Ambiental. **Revista Educação Ambiental em Ação**, [s. l.], n. 51, ano XIII, 2015.

MARTINI, A. M. Z. *et al.* A hot-point within a hot-spot: a high diversity site in Brazil's Atlantic Forest. **Biodiversity and Conservation**, [s. l.], v. 16, n. 11, p. 3111-3128, 2007.

MILANO, M. Z. *et al.* Planejamento e Implantação de uma Trilha Interpretativa na Mata Atlântica para atividades de educação ambiental no Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul. **Extensão Tecnológica**, Blumenau, n. 11, p. 43-52, 2019.



MOURA CARVALHO, I. C. de. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental.** Brasília, DF: Ipê, 1998.

NAGASAWA, D. *et al.* Educação ambiental e botânica no ensino médio: estudo de arbustos e árvores do pátio da escola. **Humanidade & Inovação**, [s. l.], v. 7, n. 5, p. 358-370, 2020.

NAVAS, A. L. G. P. *et al.* Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 1-3, 2020.

NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, C. P. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação? **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, p. 745-762, 2019.

PORTUGAL, S.; SORRENTINO, M. A educación ambiental no Brasil: diferentes perspectivas e boas práticas ambientalmente sustentable. **Revista Científica Galego-lusófona de Educación Ambiental**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 79-86, 2020.

SAMBUICHI, R. H. R. *et al.* Cabruca agroforests in southern Bahia, Brazil: tree component, management practices and tree species conservation. **Biodiversity and Conservation**, v. 21, p. 1055-1077, 2012.

SAMBUICHI, R. H. R.; MIELKE, M. S.; PEREIRA, C. E. (ed.). **Nossas Árvores: conservação, uso e manejo de árvores nativas do sul da Bahia.** Ilhéus: Editus, 2009.

SANTOS, S. A. M. dos; QUEIROZ, S. L. (org.). Trilha da Natureza da UFSCar: Roteiro Didático 1. São Carlos: Centro de Divulgação Científica e Cultural, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786599310409>. Acesso em: 10 jan. 2025.

THOMAS, W. W. *et al.* Lista preliminar das espécies de angiospermas endêmicas do sul da Bahia e norte do Espírito Santo, Brasil (Preliminary list of locally endemic plants of southern Bahia and northern Espírito Santo, Brazil). *In*: PRADO, P. I. *et al.* (org.). **Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia.** Ilhéus: IESB, 2003.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Preventing plant blindness. **The American Biology Teacher**, Oakland, v. 61, n. 2, p. 284-286, 1999.

WHITING, A.; WILLIAMS, D. L. Why people use social media: a uses and gratifications approach. **Qualitative Market Research: An International Journal**, [s. l.], v. 16, n. 4, p. 362-369, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/qmr-06-2013-0041>. Acesso em: 10 jan. 2025.